

# A FUNÇÃO SIMBÓLICA DA CHUVA NA PRODUÇÃO MUSICAL



## JEFERSON ARAUJO DE AZEVEDO

Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Língua Inglesa pela Universidade Paulista - UNIP (2016); Especialista em Língua Portuguesa e Literatura no Contexto Escolar pela Universidade Paulista - UNIP (2022); Professor de Ensino Fundamental - Anos Finais e Ensino Médio na EMEFM Antônio Alves Veríssimo; Professor de Língua Portuguesa - Anos Finais no Colégio Anna Tavares

## RESUMO

Este artigo propõe uma análise simbólica da chuva na canção popular brasileira, investigando como esse elemento natural é mobilizado poeticamente para representar emoções humanas profundas. A chuva, longe de ser um simples fenômeno climático, assume múltiplas funções simbólicas na construção da subjetividade do eu lírico: pode expressar tristeza, solidão, saudade, o fim de relacionamentos, mas também renovação, perdão e até mesmo uma dimensão espiritual ou divina. Fundamentado em autores como Gaston Bachelard (1990), que compreende a água como imagem da alma, e Gilberto Mendonça Teles (1989), que reconhece a natureza como metáfora recorrente na poesia brasileira, o estudo organiza a análise em cinco categorias temáticas: metáfora da tristeza ou solidão; símbolo de lembrança ou saudade; cenário do fim de um relacionamento; renovação, esperança ou perdão; e bênção divina, fertilidade ou manifestação de Deus. Para cada categoria, são apresentadas canções que evidenciam como a chuva funciona como elo simbólico entre o ambiente e os estados afetivos do sujeito poético.

**PALAVRAS-CHAVE:** Simbologia da chuva; Chuva na música; Metáfora climática.

## INTRODUÇÃO

Há muitos motivos para escrever e compor canções, dentre eles, a chuva, o fenômeno natural usado como tema metafórico em inúmeras artes há séculos. Chuva na literatura e, sobretudo, nas canções populares não é um evento meteorológico, mas uma imagem poética complexa que expressa profunda emoção humana. Produção musical no Brasil, a chuva é frequentemente usada

como metáfora visual e sonora de tristeza ou sozinha, expressando solidão do eu lírico insinuando saudade, como se inspirasse memórias efetivas dos arreios que estão no momento. Também é usado como cenário simbólico para o fim de um relacionamento. Deste modo, a chuva é amiga da dor, amplificando a desolação.

Por outro lado, o mesmo fenômeno natural que evoca perda e desapontamento também pode simbolizar recomeço, purificação, e perdão como se varresse a dor e preparasse o cenário para novas flores. A concepção de canções de assuntos religiosos ou espirituais, a chuva também é vista como bênção divina, germinado pela manifestação de Deus como graça, prosperidade, e segurança de Deus.

Portanto, dada a diversidade de significados, somos considerados eloquência simbólica de chuva na música. Os elementos naturais, de acordo com o filósofo francês Gaston Bachelard, têm o dom de nos refletir o estado de nossas almas. Assim, a poesia, e por extensão, a música. Na cultura brasileira, acadêmicos como Gilberto Mendonça Teles a chuva é tema da nossa contemporânea e muitos outros que, para a tristeza, esperança, recomeço e até a religião, é um ícone da composição lírica musical.

As canções trazem inúmeros situações simbólicas, no entanto, não se pretende extraí-los por completo, mesmo porque são motes tão complexos que não compete neste estudo. Pretende-se, portanto, relacionar para cada mote um ou duas canções para justificar a análise. São cinco categorias especificadas: metáfora da tristeza ou solidão, símbolo de lembrança ou saudade, cenário do fim de um relacionamento, renovação, esperança ou perdão e bênção divina, fertilidade ou manifestação de Deus.

## CHUVA COMO METÁFORA DA TRISTEZA OU SOLIDÃO

Segundo Bachelard (1990, p.20), “A água é uma substância que convida ao recolhimento. Toda água profunda é uma imagem da alma que sofre.”. A ideia de Bachelard pode ser observada na canção “Quando Chove”, composta por Nelson Motta e Pino Daniele, e interpretada por Patrícia Marx no álbum Ficar com Você (1994).

“Se chove lá fora  
Queimo aqui dentro  
De vontade de te abraçar  
Amor  
Quando chove  
Fica mais triste a esperar  
Por alguém  
Que não vai chegar”

Nesta categoria, a chuva simboliza estados emocionais de dor, abandono, solidão e melancolia. O eu lírico, ao descrever a chuva caindo no ambiente externo, revela seu próprio sofrimento interior, projetando no mundo natural aquilo que sente por dentro. A imagem da chuva se torna um espelho da tristeza subjetiva, marcada pela introspecção e pela sensação de vazio.

Observa-se, também, na canção “Me Chama” (LOBÃO, 1984), composta e interpretada por João Luiz Woerdenbag Filho (conhecido artisticamente como Lobão), que o eu lírico estabelece uma correspondência simbólica entre o ambiente chuvoso e seu estado emocional. O verso “Chove lá fora e aqui / Faz tanto frio” revela que o frio mencionado não é apenas físico, mas sobretudo interno, indicando um sentimento de abandono, solidão ou vazio afetivo. A paisagem climática funciona, assim, como um reflexo da dor íntima do sujeito, intensificando a carga emocional da letra.

Esse estado de solidão e desejo de reconexão se torna ainda mais evidente no trecho da canção:

“Chove lá fora e aqui  
Faz tanto frio  
Me dá vontade de saber  
Aonde está você  
Me telefona  
Me chama, me chama, me chama...”

Na canção “Lá Fora a Chuva Cai”, interpretada pelo grupo Os Travessos, observa-se o uso da chuva como metáfora da tristeza e da solidão causadas pela ausência da pessoa amada. O verso “Lá fora a chuva cai / Não vejo mais o teu olhar / Já não aguento mais / Ficar sem te ver” (BILLY SP, 1999) evidencia como a paisagem chuvosa funciona como espelho do estado emocional do eu lírico, revelando um sentimento de angústia, melancolia e saudade. A imagem da “chuva lá fora” cria o ambiente introspectivo, enquanto a repetição de “não vejo mais o teu olhar” reforça a separação e o distanciamento afetivo. Mais do que descrever o clima, a canção transforma a chuva em símbolo do vazio deixado pela ausência, convertendo o cenário exterior em projeção da dor interior. Nesse sentido, como afirma Wunenburger (1990, p. 116), “a imagem da água remete a uma fluidez emocional, a um movimento interno que simboliza perdas, esquecimentos ou transbordamentos afetivos”, o que confirma a função simbólica da chuva como representação de uma dor íntima que transborda para o mundo ao redor.

## **CHUVA COMO SÍMBOLO DE LEMBRANÇA OU SAUDADE**

Em *A água e os sonhos*, Gaston Bachelard (1990) analisa a água como um elemento simbólico profundamente associado à interioridade, à contemplação e à memória poética. A chuva, dentro dessa perspectiva, transcende seu aspecto meramente climático para se tornar um estímulo à evocação de sentimentos intensos, como a saudade, a melancolia e o desejo de retorno a um tempo que já se foi. Nas canções populares, é frequente a utilização do tempo chuvoso como recurso expressivo para acentuar o tom nostálgico do eu lírico, que revisita memórias afetivas ligadas a experiências amorosas passadas. Conflitos sentimentais, rompimentos, desentendimentos e sofrimentos por amor são frequentemente ambientados sob a chuva, que atua como catalisador emocional e elemento de reforço simbólico da saudade e do vazio deixado por aquilo que não volta mais.

A chuva, enquanto símbolo de saudade e recordação, assume papel central na canção *Guarde para os dias de chuva* (PATRÍCIA, 1994), interpretada por Angélica. Nela, o eu lírico orienta

o interlocutor a guardar lembranças afetivas que só adquirem valor em tempos de recolhimento emocional.

“Guarde para os dias de chuva  
Tudo aquilo que você viveu  
E nunca deu valor  
Os livros que deixei pela sala  
Aqueles versos que eu mandei  
E você nem notou”

Os versos supracitados sugerem que o eu lírico convida o interlocutor a preservar, em sua memória, experiências afetivas do passado que não foram devidamente valorizadas quando aconteceram. A chuva funciona como metáfora de um tempo introspectivo e melancólico — um momento propício para revisitar lembranças, refletir sobre escolhas e atribuir novo sentido ao que foi vivido. Assim, o tempo chuvoso não representa apenas um estado climático, mas um símbolo de saudade e resgate emocional, sugerindo que memórias e sentimentos do passado devem ser preservados para momentos de introspecção e solidão.

Nesta mesma perspectiva observa-se na canção “Temporal de Amor” (SANTOS e SANTOS (1992), interpretada por Leandro e Leonardo:

“ Chuva no telhado  
Vento no portão  
E eu aqui  
Nesta solidão  
Fecho a janela  
Tá frio o nosso quarto  
E eu aqui  
Sem o teu abraço...”

Ricoeur (2007, p. 85) afirma que “a lembrança é sempre, ao mesmo tempo, reconstrução e retorno. Ela é impregnada de emoção, e frequentemente o que recordamos é menos o fato do que a sensação que ele nos causou.” Nesse sentido, a chuva pode funcionar como um gatilho sensorial e emocional, evocando lembranças afetivas marcadas pela ausência. Em canções como Temporal de Amor, o som da chuva batendo no telhado e o vento no portão constroem um cenário que remete diretamente à perda de alguém querido, tornando-se uma ambientação simbólica do distanciamento afetivo. Assim, a imagem da chuva intensifica o movimento da memória, permitindo que o eu lírico acesse experiências íntimas agora distantes no tempo, mas vivas na sensibilidade.

A repetição de situações cotidianas — fechar a janela, sentir frio no quarto — enfatiza a falta do abraço e do calor humano. A chuva amplia esse sentimento, projetando o vazio emocional para dentro de casa. A chuva, ao invadir o ambiente do eu lírico, intensifica o clima de saudade. Ela não é apenas pano de fundo: torna-se um elemento sensorial chave que reforça a memória afetiva e física do amor perdido.

## CHUVA COMO CENÁRIO DO FIM DE UM RELACIONAMENTO

Na canção “Lágrimas e Chuva”, composta por Bruno Fortunato, George Israel e Leoni, e interpretada pela banda Kid Abelha, a chuva surge como metáfora do sofrimento silencioso e da solidão do eu lírico. O verso “Lágrimas e chuva / Molham o vidro da janela” (FORTUNATO; ISRAEL; LEONI, 1985) confunde elementos internos e externos — as lágrimas do sujeito e a chuva lá fora — criando uma paisagem simbólica que traduz o estado emocional de abandono e isolamento. O eu lírico revela-se invisível aos outros: “Mas ninguém me vê”, reforçando o tom introspectivo da dor.

A chuva, nesse caso, não é apenas um pano de fundo, mas um espelho emocional do sujeito, como destaca José Miguel Wisnik (1989), ao afirmar que “a canção brasileira transforma o ambiente físico em uma paisagem interior: o tempo muda lá fora para refletir o que já mudou cá dentro”. Assim, Lágrimas e Chuva é exemplar no uso da imagem da chuva como meio de expressão da melancolia, da introspecção e do sofrimento íntimo.

Na canção “Quando Chove” (1994), interpretada por Patrícia Marx, já mencionada no início do estudo, o eu lírico, ao observar o ambiente chuvoso, revela um contraste entre o clima externo e sua dor interna: “Se chove lá fora / Queimo aqui dentro / De vontade de te abraçar”. O uso da chuva destaca a ausência da pessoa amada e intensifica a solidão vivida no momento da separação. O amor, antes vivido intensamente, agora é apenas lembrança: “Quando olho nos teus olhos / Não vejo a luz do amor / Só as sombras do passado / Só um fogo que se apagou”. A imagem da chuva contribui para a atmosfera melancólica, funcionando como elemento poético que acompanha e reflete a dor do término, tornando o ambiente externo um espelho emocional do eu lírico. A canção expressa o luto simbólico por um amor que já não existe, marcado por saudade, silêncio e a constatação de que o espelho da relação “se quebrou”.

Em consonância à ideia supracitada, na música “Angels Cry” (CAREY et al., 2009), Mariah Carey, intérprete e coautora, expressa o peso da separação com o verso “When you and I said goodbye / I felt the angels cry” (“Quando você e eu dissemos adeus / Eu senti os anjos chorarem”) que sugere que o adeus foi tão intenso que despertou uma reação quase celestial, reforçando a metáfora emocional. A chuva é apresentada de forma simbólica como consequência do término de um amor verdadeiro, sendo associada ao choro dos anjos. O título e os versos citados sugerem que a dor da separação é tão profunda e significativa que até os anjos — símbolos de pureza e espiritualidade — choram, e esse choro se manifesta metaforicamente como a chuva.

## CHUVA COMO RENOVAÇÃO, ESPERANÇA OU PERDÃO

Na canção popular, a chuva nem sempre está associada à tristeza ou melancolia. Em diversas composições, ela surge como um símbolo de purificação emocional, renovação interior ou esperança por dias melhores. Sua presença marca o encerramento de um ciclo e a abertura de um novo tempo, carregado de possibilidades afetivas e espirituais. Assim, o fenômeno natural deixa de ser apenas cenário ou metáfora da dor e passa a representar um elemento transformador no

enredo emocional do eu lírico.

Como observa Gaston Bachelard (1990), em *A Água e os Sonhos*, os elementos aquáticos – entre eles, a chuva – possuem um profundo valor simbólico no imaginário humano. A água não apenas representa a introspecção, mas também a possibilidade de reequilíbrio psíquico e recomeço. A chuva, em sua forma fluida e dinâmica, é, portanto, uma imagem poética eficaz para traduzir momentos de superação, libertação ou reconciliação.

Um exemplo notável dessa representação aparece na canção “Chuva de Prata”, composta por Ed Wilson e Ronaldo Bastos, e imortalizada na voz de Gal Costa (1984). No trecho: “Chuva de prata que cai sem parar / Quase me mata de tanto esperar”

percebe-se que a chuva, ainda que envolta em certa angústia, antecipa a chegada do amor, atuando como prenúncio do reencontro afetivo, como um evento mágico que transforma a espera em possibilidade de realização emocional. A imagem da “chuva de prata” confere à cena uma atmosfera encantada, sugerindo que a purificação proporcionada pela chuva trará consigo algo valioso — um recomeço.

Outro exemplo emblemático é a clássica “Águas de Março”, de Tom Jobim e Elis Regina (1972). Apesar do caráter fragmentado e descritivo da letra, é possível perceber que a chuva de março, responsável por marcar o fim do verão, funciona como símbolo de transição entre estações, ciclos e estados emocionais. A repetição de imagens simples, como “pau”, “pedra”, “fim do caminho”, compõe um mosaico de situações cotidianas que, somadas, remetem à ideia de reinício, de vida que rebrota após o caos: “É pau, é pedra, é o fim do caminho / É um pouco sozinho / É uma caco de vidro, é a vida, é o sol”.

A chuva, nessas composições, aparece como força de transformação — lava as mágoas, regenera o sujeito lírico e, ao mesmo tempo, aponta para a possibilidade de reconciliação e crescimento. Quando inserida em narrativas poéticas, ela se converte em instrumento simbólico de cura, permitindo que os sentimentos sejam reorganizados e que o sujeito possa abrir-se a novas experiências.

## **A CHUVA COMO BÊNÇÃO DIVINA, FERTILIDADE OU MANIFESTAÇÃO DE DEUS**

Além de carregar significados emocionais e existenciais, a chuva, na canção popular, também é investida de valor espiritual e simbólico-religioso. Em muitos contextos líricos, ela aparece como uma bênção enviada dos céus, sinal da presença de Deus ou metáfora da graça divina que irriga e fecunda a vida. Essa perspectiva remonta a tradições religiosas ancestrais, nas quais a chuva era vista como um dom sagrado, essencial para a fertilidade da terra e para a sobrevivência das comunidades.

Na canção brasileira, essa simbologia permanece viva. A água da chuva funciona como imagem de abundância, renovação espiritual e cuidado divino, associando-se a ideias de paz, alívio e transformação profunda. O eu lírico, ao se deparar com a chuva, percebe nela não apenas um

fenômeno da natureza, mas uma linguagem transcendente, um gesto de acolhimento ou um chamado para a fé.

Um exemplo claro dessa abordagem aparece na canção “Oh Chuva”, da banda Falaman-sa (2001). No refrão: “Ô chuva, eu peço que caia devagar / Só molhe esse povo de alegria / Para nunca mais chorar” a chuva é invocada como instrumento de alegria e cura coletiva. Longe de representar dor ou sofrimento, ela simboliza a esperança de dias melhores e o desejo de felicidade partilhada, quase como se fosse um milagre solicitado. O tom suplicante do eu lírico reforça a ideia da chuva como manifestação do divino, uma força natural guiada pela fé e pela esperança popular.

Em composições de forte cunho religioso, a chuva assume ainda mais claramente esse papel. É o caso de diversas músicas do repertório evangélico ou de tradições afro-brasileiras, nas quais a água que desce dos céus está associada à presença de orixás, santos ou do próprio Deus, sinalizando proteção, purificação e fertilidade. Como destaca Bachelard (1990), a água possui um imaginário duplo: ela pode destruir, mas também purifica e fecunda, sendo “fonte de toda vida e de toda regeneração”.

Neste sentido, a chuva se configura como uma imagem totalizante e integradora, que une o plano físico ao plano espiritual, a terra ao céu, a dor à possibilidade de cura. O eu lírico que canta sob a chuva está, muitas vezes, num estado de abertura ao sagrado, seja pedindo clemência, agradecendo ou interpretando o fenômeno como um sinal da intervenção divina em sua existência.

A canção “Faz Chover”, composição de David Quinlan, interpretada por diversos artistas da música gospel brasileira, entre eles Fernandinho, apresenta com clareza a representação da chuva como bênção divina. O eu lírico clama pela intervenção de Deus, pedindo que Ele “abra as comportas do céu” e derrame sua presença sobre a terra:

“Abre as comportas do céu / E faz chover, Senhor, Jesus” (QUINLAN, 2003).

Nesse trecho, a chuva é evocada como símbolo do Espírito Santo, como expressão da graça e do renovo espiritual. A água que vem do céu não é apenas material, mas espiritual — traz cura, força, fertilidade e recomeço. Esse tipo de linguagem é muito presente na música cristã contemporânea, especialmente na vertente pentecostal, onde a chuva simboliza a presença ativa de Deus entre os fiéis.

Como destaca Bachelard (1990), “toda água profunda é uma imagem da alma que sofre”, mas também da alma que se regenera. Nessa perspectiva, a chuva deixa de ser lida como um evento natural para se tornar um veículo de comunicação entre o divino e o humano, um meio de transformação interior e coletiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta análise, observou-se como a chuva se constitui em um dos símbolos naturais mais densos e multifacetados da canção poética brasileira e internacional. Longe de representar apenas um fenômeno climático, ela se revela como um recurso expressivo que articula emoções

humanas profundas, religiosidade, memória e subjetividade. Sua presença nas letras das canções transita entre o plano íntimo e o coletivo, entre o humano e o sagrado, oferecendo múltiplas possibilidades de leitura simbólica.

Em algumas composições, a chuva é imagem da dor, da solidão e do abandono, funcionando como reflexo dos sentimentos de melancolia e ausência. Em outras, aparece como cenário de rupturas afetivas, reforçando poeticamente o drama do fim de um relacionamento. Também atua como símbolo da saudade, evocando lembranças e afetos que permanecem vivos na memória emocional do eu lírico.

No entanto, seu valor simbólico não se restringe ao campo da dor. Em diversas canções, a chuva ganha novos contornos, sendo associada à purificação, à renovação emocional, ao perdão e à esperança de recomeços. Já na perspectiva espiritual e religiosa, ela é elevada a um patamar transcendente, assumindo o papel de bênção divina e manifestação da presença de Deus, seja na tradição cristã ou em visões cosmológicas de matriz afro-brasileira.

Essa variedade de sentidos confirma a potência simbólica da chuva como um elo entre o mundo natural e as experiências humanas mais íntimas. Seja como lágrima, lembrança, recomeço ou bênção, a chuva na canção popular brasileira se inscreve como linguagem poética privilegiada para narrar o sentir, o lembrar, o perder e o renascer. Assim, compreendê-la em sua pluralidade de sentidos é também um exercício de escuta sensível da alma brasileira expressa por meio da música.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Tradução de Luiz Henrique Pellanda. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BASTOS, Ronaldo; WILSON, Ed. **Chuva de prata**. In: GAL COSTA. Profana [LP]. Philips, 1984.

BILLY SP. **Lá fora a chuva cai. Intérpretes: Os Travessos**. In: **OS TRAVESSOS**. Os Travessos [CD]. São Paulo: EMI, 1999. Faixa 2.

FALAMANSA. **Oh chuva**. In: FALAMANSA. Deixa entrar [CD]. São Paulo: Deckdisc, 2001.

JOBIM, Tom; REGINA, Elis. **Águas de março**. In: ELIS & TOM [LP]. Philips Records, 1974.

LOBÃO. **Me chama**. In: LOBÃO E OS RONALDOS. Cena de cinema [LP]. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1984. Faixa 6.

MOTTA, Nelson; DANIELE, Pino. **Quando chove**. Intérprete: Patrícia Marx. In: PATRÍCIA MARX. Ficar com você [CD]. São Paulo: Sony Music, 1994. Faixa em CD.

PATRÍCIA, Sylvia. **Guarde para os dias de chuva**. Intérprete: Angélica. In: ANGÉLICA. Angélica [CD]. São Paulo: BMG Ariola, 1994. Faixa 3.

QUINLAN, David. **Faz chover**. In: FERNANDINHO. Faz chover [CD]. Rio de Janeiro: Faz Chover Music, 2003. Faixa 01.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas: UNICAMP, 2007.

SANTOS, José Fernando; SANTOS, Cecílio Nena dos. **Temporal de amor**. Intérpretes: Leandro & Leonardo. In: LEANDRO & LEONARDO. Volume 6 [CD]. São Paulo: Chantecler, 1992. Faixa 2.

TELES, Gilberto Mendonça. **Estilo e estrutura na canção popular brasileira**. 3. ed. Goiânia: UFG, 2001.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido: uma outra história das músicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.